



ENSINO DE HISTÓRIA NOS SERTÕES DE CRATEÚS-CE: experiências do Fórum de professores nas sequências didáticas

TEACHING HISTORY IN THE HINTERLANDS OF CRATEÚS-CE: experiences from the teachers' Forum in Instructional sequences

Caio Lucas Morais Pinheiro¹
Maria Peres Alves²
Raissa Nascimento da Costa³
Rogéria Alves Soares⁴
Sergiano Alcantara da Silva⁵

RESUMO:

O trabalho tematiza experiências do ensino e da aprendizagem em História desenvolvidas no Fórum de Professores de História nos Sertões de Crateús (Ceará). Esta iniciativa teve como objetivo central fortalecer o ensino de História na educação básica, por meio da elaboração de sequências didáticas que valorizam a história local e estimulam a construção da consciência histórica. As práticas descritas utilizam imagens, fontes orais e sequências didáticas, possibilitando aprendizagens significativas e contextualizadas. Durante o evento, os participantes discutiram

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (FAEC/ UECE). Professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc-CE).

² Graduanda em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAEC) e bolsista do Projeto de Extensão no Laboratório de História do Tempo Presente nos Sertões de Crateús (LAHTEPS/FAEC).

³ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAEC) e bolsista do Projeto de Extensão no Laboratório de História do Tempo Presente nos Sertões de Crateús (LAHTEPS/FAEC).

⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Regional do Cariri. Especialista em História e Geografia pela Faculdade Ateneu. Professora da Secretaria da Educação do município de Crateús.

⁵ Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Crateús.

metodologias de ensino, desafios enfrentados pelos docentes e estratégias colaborativas para o aprimoramento do ensino. As metodologias utilizadas consistem na abordagem qualitativa, com análise documental, relato de experiência e utilização da História Oral. Dessa forma, neste artigo examinamos como o Fórum Cearense de Professores de História da Educação Básica pode ser visto como um movimento de resistência e valorização da docência, ao articular teoria e prática, além de estimular o sentimento de pertencimento estudantil, contribuir para a transformação educativa e para a melhoria da qualidade do ensino de História nas escolas públicas do Ceará, demarcando um espaço de diálogo, troca de saberes, fortalecendo a identidade profissional e o compromisso com a educação pública.

Palavras-chave: Formação de Professores de História. Ensino de História. Sertões de Crateús. Fórum de professores. Relato de experiência.

ABSTRACT:

This work focuses on teaching and learning experiences in History developed at the History Teachers' Forum in the Sertões of Crateús (Ceará). The central objective of this initiative was to strengthen History teaching in basic education through the development of didactic sequences that value local history and stimulate the construction of historical consciousness. The practices described utilize images, oral sources, and didactic sequences, enabling meaningful and contextualized learning. During the event, participants discussed teaching methodologies, challenges faced by teachers, and collaborative strategies for improving teaching. The methodologies used consist of a qualitative approach, with document analysis, experience reports, and the use of Oral History. Therefore, in this article we examine how the Ceará Forum of History Teachers in Basic Education can be seen as a movement of resistance and appreciation of teaching, by articulating theory and practice, in addition to stimulating a sense of student belonging, contributing to educational transformation and improving the quality of history teaching in public schools in Ceará, marking a space for dialogue, exchange of knowledge, strengthening professional identity and commitment to public education.

Keywords: history teacher education. Teaching history. Sertões de Crateús. Teachers' Forum. Experience Report.

1 INTRODUÇÃO

A despeito da extensão e da qualidade de produção científica brasileira sobre a formação de professores existente na terceira década do século XXI⁶,

⁶ Conferir: MONTEIRO, A.M.; GASPARELLO, A.M.; MAGALHÃES, M.S. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *História:*

marcada especialmente pela diversidade temática, solidez metodológica e epistêmica, o ritmo acelerado de publicações reflete, em contrapartida, a necessidade de novos esforços teóricos para a compreensão de diferentes realidades⁷.

Esse cenário se torna evidente especialmente ao focar o debate sobre a singularidade da docência em espaços não hegemônicos⁸ e ao lançar luz para os sujeitos que escolheram atravessar a empreitada da formação docente, da graduação e da formação continuada. Segundo Vengoa (2022), em se tratando especificamente do professor de história, quando a profissão exercida ocorre em espaços não-hegemônicos, distantes dos grandes centros urbanos e das capitais dos estados, bem como do eixo sul-sudeste, o ensino e a aprendizagem histórica incorporam elementos e desafios que exigem outras formas de ser, estar e experimentar o tempo. Assim, compreendemos a espacialidade da Região dos Sertões de Crateús como um território periférico tanto geograficamente como resultado da correlação de forças e das relações de poder conformadas ao longo do tempo.

Diante disso, este artigo, ao revisitar os dilemas do ensino de história nos Sertões de Crateús, tematiza a experiência formativa dos professores de história no Fórum Cearense de Professores de História da Educação Básica. Esta ação ocorreu

memória, narrativa e ensino na Amazônia brasileira / São Luís: EDUFMA, 2021. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

⁷ Conferir VEIGA, Ana Maria. Quando Clio é preta, pobre, periférica: realocando a teoria da história. In.: COSTA, Bruno Balbino Aires da; SANTOS, Evandro; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. (Organizadores). *Ensaio de teoria da história & história da historiografia*. Teresina: Cancioneiro, 2023.

⁸ Eivada pela provocação da historiadora Ana Maria Veiga (2023), o debate proposto ao longo destas páginas se conecta com a questão formulada há quase quatro décadas pela intelectual egressa de uma ex-colônia inglesa, Gayatri Spivak (1988): Pode o subalterno falar? Esta indagação proveniente da intelectual e crítica literária resvalou nas ciências humanas e estimulou reflexões com vistas à descolonização da produção do conhecimento. Ao pôr em xeque o pensamento social e a teoria crítica ocidental, Spivak examinou a legitimidade de auscultar personagens e territorialidades subalternizadas a partir do instrumental teórico formulado por intelectuais majoritariamente europeus, conformado pelas matrizes do colonialismo branco, machista e heteronormativo. Desde os fins dos anos 1980, os estudos pós-coloniais e decoloniais elaboraram uma empreitada que deslocou a pesquisa do centro para as periferias e do Norte para o Sul global, contribuindo para a montagem de um arcabouço teórico para a compreensão dos silêncios e dos apagamentos dos subalternizados e de seus territórios.

ao longo do primeiro semestre de 2025, com participação de mais de cem professores que atuam no ensino fundamental e médio da região.

Pensar a especificidade do ensino de história e sua aprendizagem na Região dos Sertões de Crateús significa, em primeiro lugar, olhá-lo enquanto espaço não hegemônico em razão da territorialidade às margens ocupada por grupos sociais subalternizados. Tanto na dimensão de objeto de estudo quanto na de espaço de produção historiográfica, rompe com a tradição eurocêntrica da pesquisa científica a partir de uma perspectiva e experiência do Sul Global ao mesmo tempo que enfrenta a lógica sudeste x nordeste e capital x interior, fortemente presente na produção acadêmica brasileira.

Por outro lado, dado o perfil dos docentes e dos estudantes que socializaram práticas exitosas e sequências didáticas elaboradas nas escolas, bem como suas escolhas temáticas, é possível identificar o protagonismo de grupos subalternizados como indígenas, ciganos, sertanejos, mulheres e pessoas com deficiência como os assuntos mais predominantes no Fórum.

Este encontro ocorreu entre abril e junho de 2025, com uma programação seccionada em três momentos. Inicialmente, foram articuladas três rodas de conversa sobre temas candentes da prática docente em história. Em seguida, construiu-se um espaço informal de debate sobre os problemas atuais do ofício do historiador. Por fim, montou-se oficinas sobre produção de sequência didática com o uso de documentos históricos.

Estas oficinas foram organizadas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do projeto de extensão da Faculdade de Educação e de Ciências Integradas de Crateús. Após o evento presencial, estes monitores permaneceram auxiliando os professores da educação básica na produção de sequências didáticas visando ao compartilhamento das experiências no fim do semestre do ano de 2025, na culminância do Fórum.

Mediante rodas de conversa sobre três eixos temáticos: anticolonialismo e ensino de história; interseccionalidade e ensino de história; direitos humanos e educação antirracista, oficina de produção de sequência didática e

acompanhamento de intervenções realizadas nas escolas, a experiência formativa possibilitou congregar docentes de história de prefeituras e da rede estadual, compartilhando saberes e pautando questões candentes do ensino de história hoje.

Além disso, constitui-se enquanto um espaço de interlocução entre os discentes do curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* Faculdade de Educação e de Ciências Integradas de Crateús (FAEC), que atuaram na comissão organizadora do evento, sobretudo os bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do projeto de extensão e do Laboratório de História do Tempo Presente dos Sertões de Crateús (LAHTEPS). O evento contou com apoio institucional da Associação Nacional de História, seção Ceará (ANPUH-CE).

Ao estreitar os canais de diálogo entre o ensino superior, os professores de história da educação básica e os bolsistas do PIBID, o Fórum Cearense de Professores (as) de História da Educação Básica reuniu, portanto, profissionais dedicados a examinar como se ensina e se aprende história no sertão com um tempo marcado pelos debates sobre violência de gênero, de raça e epistêmica.

Assim, neste artigo procuramos investigar a ação desenvolvida enquanto formação de professores de história, atravessada por subjetividades conformadas pela experiência da espacialidade sertaneja, localizada na Região dos Sertões de Crateús, mas que, ainda às margens da geopolítica do conhecimento (Barbosa Pereira, 2018), no interior do Estado, revelou uma ferramenta produtiva de saberes e práticas exitosas, bem como um potente instrumento e combustível para pensar a escola como um laboratório de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática docente no ensino de História, em especial na educação básica, enfrenta o desafio constante de ter que lidar com um currículo extremamente eurocêntrico com enfoque em figuras masculinas, brancas e europeias. Nesse sentido, o Fórum de Professores de História da Educação Básica, realizado em Crateús, interior do Estado do Ceará, promoveu um espaço de reflexão e diálogo,

assumindo um papel importante na construção de práticas pedagógicas críticas, democráticas e abrangentes.

Para compreender a importância do Ensino de História na formação de cidadãos críticos, é fundamental recorrer a estudos que tratam sobre memória, patrimônio, desigualdades e disputas em torno do currículo escolar. Diante disso, este artigo dialoga com as referências analíticas de três trabalhos: “Educação democrática e equidade de gênero” de Seffner e Penna (2024), “Ensinar a esquecer - o Ensino de História e a extrema direita”, de Saraiva e Seffner (2020), e “Ensinar História nas fissuras do patrimônio”, dos autores De Vargas Gil, Perussato e Silva (2024).

Esses autores dialogam com os desafios que os professores enfrentam na escola pública e ajudam a entender a importância de espaços coletivos, como o encontro realizado em Crateús, que busca a interação e a aprendizagem coletiva para valorizar histórias locais que muitas vezes são silenciadas. Seffner e Penna (2024) destacam em seu artigo que a escola não é um espaço neutro, mas um campo de disputas de valores e identidades. Os autores defendem que a educação democrática precisa reconhecer a diversidade e elaborar trabalhos que combatam as desigualdades:

Há na sociedade brasileira uma profusão de movimentos sociais de caráter francamente reacionário, como ‘escola sem partido’, que ataca a educação democrática, e a pretensa denúncia de uma ‘ideologia de gênero’, que ataca a liberdade de ensinar em questões de gênero e sexualidade, buscando sufocar a possibilidade do direito a ter direitos. (Seffner, F.; Penna, F., 2024, p. 42)

A abordagem proposta pelos autores também cita a ausência de debates no âmbito escolar sobre temas que envolvem particularmente a sexualidade. No entanto, nota-se que valorizam o espaço escolar como o *lócus* das diferenças e da pluralidade. Diante disso, o ensino de História, dentre suas variadas funções, tem o papel fundamental de destacar as lutas e conquistas das mulheres e de outros grupos que foram violentados e silenciados ao longo do tempo. No Fórum de

Crateús, esse debate foi realizado por meio de uma roda de conversa com o tema “Interseccionalidade e o Ensino de História” e na oficina de sequências didáticas.

O ensino de história no Brasil vem sendo alvo de constantes ataques de certos grupos da direita, disputas estas que se intensificaram sobretudo a partir da segunda década do século XXI. Um importante exemplo consiste na plataforma Brasil Paralelo, que veicula narrativas pretensamente históricas para tensionar e disputar o espaço público com os historiadores profissionais, seja via documentários sobre a “verdadeira” história do Brasil, canais do *YouTube* ou a oferta de cursos de licenciatura em história.

Não por acaso estes grupos argumentam que a história ensinada nas escolas é manipulada e que tentam doutrinar a juventude brasileira. O artigo “Ensinar a esquecer - ensino de História e a extrema direita” discute como a direita busca controlar o ensino: “os movimentos de extrema direita têm grande apego a um passado que não é aquele da historiografia amplamente aceita nos meios acadêmicos, mas que reforça mitos de uma sociedade heróica e patriarcal”. (Saraiva, K; Seffner, F, 2020, p. 6).

Segundo os autores, o que acontece além dessa disputa sobre fatos do passado é a tentativa de controle do que deve ser ensinado aos jovens na educação brasileira. Esse controle seria camuflar certos conflitos e causas sociais, por isso o termo “ensinar a esquecer” é utilizado. Essa tentativa de ensinar a esquecer representa um certo apagamento da memória coletiva, pois favorece uma narrativa única e uma centralização de poder.

Diante desse contexto de apagamento estabelecido pelo conservadorismo, o Fórum de Professores de História se firma como um espaço coletivo de resistência e de enfrentamento político-pedagógico, tendo em vista que o currículo constitui um espaço de disputas que deve valorizar a educação democrática. Os docentes inscritos no evento relataram inúmeros casos em que se sentiram pressionados pela comunidade escolar acerca da maneira como desenvolveram os conteúdos programáticos dos seus componentes curriculares, reforçaram ainda que o ensino de História não é neutro, mas sim marcado por diversas disputas de memórias e

poderes. Ao contrário dessa lógica de abafamento, o objetivo do Fórum foi revisitar as memórias das classes populares, mulheres e indígenas na Região dos Sertões de Crateús.

Diante disso, os profissionais de história têm o papel fundamental de auxiliar seus alunos a olharem criticamente o passado e entender como ele se apresenta no presente, como é o caso do machismo estrutural implementado na sociedade. Por isso, o Fórum é de extrema importância para o desenvolvimento da educação histórica e para elaboração de novas práticas pedagógicas, tornando-se uma resistência contra essas tentativas de apagamento.

Já o artigo dos autores De Vargas Gil, Perussatto e Silva (2024) propôs uma abordagem que avalia o ensino de História como uma oportunidade para problematizar o patrimônio e suas representações. Ao dialogar com Hartman e Evaristo, as autoras afirmam:

Tanto Saidiya como Conceição Evaristo reafirmam, para nós, a importância de ensinar História com o patrimônio cultural, escolhendo escutar as bordas e periferias; criticar o patrimônio para consumo e esperar, nos “saberes orgânicos”, a possibilidade de germinar práticas pedagógicas pautadas nas referências culturais das pessoas e grupos. (Gil, C. Z; Perussatto, M; Calvi Amaral Silva, S, 2024, p. 37).

Essa ideia é essencial para pensar a prática docente dos professores de história, que precisam desenvolver estratégias para trabalhar com os alunos a partir dessas fissuras. Como apontam, é possível ensinar nas “fissuras do patrimônio”, ou seja, utilizar de brechas do currículo tradicional para levar à sala de aula novas narrativas e sujeitos silenciados.

É nesse sentido que, diante da patrimonialização de sujeitos eurocentrados, em padrões heteronormativos e racialmente brancos, pode-se abordar documentos e fontes de diversos grupos postos à margem dessa história, como jornais de grupos LGBTQIAPN+ ou do movimento negro. É uma nova perspectiva de patrimônio.

O ensino de história torna-se uma prática de resistência. Assim, ao analisar experiências de estágio em educação patrimonial, as autoras do artigo mostram que

o patrimônio cultural pode ser usado não só para valorizar o passado, mas também como uma ferramenta para refletir criticamente sobre as desigualdades, os conflitos de memória e as relações de poder na sociedade.

O Fórum de Professores de História também promove a reflexão coletiva desses professores sobre suas práticas em sala de aula. Nesse contexto, entende-se que o ensino de história precisa ser crítico e inclusivo, trata-se de ensinar aos alunos que existem diferentes pontos de vista e que é imprescindível analisá-los, principalmente na Região dos Sertões de Crateús, onde a história local é pouco valorizada e por vezes nem mencionada. O ensino de história também se torna conseqüentemente um ato político, o que significa lembrar de eventos que muitos desejam que sejam esquecidos. Portanto, os artigos analisados apontam para um reconhecimento da função social da escola e para a importância de um ensino de história que promova a criticidade e o respeito à diversidade. O Fórum se constituiu como um espaço crucial para que esse diálogo se intensificasse.

3 METODOLOGIA

Considerando a necessidade de construir uma proposta voltada para um ensino de História crítico, o Fórum foi pensado como uma ação formativa que possibilitasse o contato direto dos estudantes do curso de Licenciatura em História com os professores da educação básica. Neste artigo, utilizaremos metodologicamente a abordagem qualitativa da análise documental produzida no Fórum, como as imagens, as entrevistas com docentes e as sequências didáticas elaboradas, refletindo via relato de experiência que possibilita registrar vivências e discutir a construção dos saberes formais e informais e suas aprendizagens. A partir das etapas sugeridas na proposta de Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência envolve ponto de partida (1), perguntas iniciais (2), recuperação do processo vivido (3), problematização (4) e ponto de chegada (5).

O evento foi realizado no auditório da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 13) e teve duas etapas. A primeira, realizada no dia 24 de abril de 2025, contou, na parte da manhã, com rodas de

conversa com os temas de anticolonialismo, interseccionalidade e direitos humanos. No turno da tarde, os alunos do curso de História apresentaram aos participantes as sequências didáticas construídas. Na segunda etapa, os professores da educação básica se disponibilizaram a apresentar suas experiências utilizando essas sequências em sala de aula. Esse momento foi central para entendermos a importância do Fórum em razão da partilha e da apresentação dos professores sobre como a experiência formativa agregou a sua prática docente.

Figura 1: Bolsistas do PIBID do curso de História apresentando as sequências didáticas elaboradas por eles



Fonte: acervo do LAHTEPS.

A imagem representa o espaço de troca de experiências e saberes entre os docentes e os alunos do curso de História que o Fórum proporcionou, destacando a importância desse diálogo para ambos.

Assim, a proposta pedagógica do Fórum buscou promover ações docentes, através de sequências didáticas, rodas de conversa e momentos de culminância que permitiram a troca de experiências entre os docentes e os estudantes. O planejamento contou com a colaboração da Coordenação Regional de

Desenvolvimento da Educação (CREDE 13) e da Secretária Municipal de Educação de Crateús, que ajudaram na organização do Fórum, na logística e no contato com os docentes da região, auxiliando assim na divulgação do evento.

O Fórum disponibilizou dez sequências didáticas elaboradas pelos discentes do curso de História da FAEC, trazendo para esses discentes um contato com as práticas pedagógicas. Elas foram pensadas e elaboradas conforme os temas mais frequentes atualmente, as propostas abordaram: o movimento indígena, a violência de gênero, o papel da Igreja na ditadura militar, entre outros. Essa variedade de temas revela o compromisso do Fórum com a construção de uma educação inclusiva e democrática.

A estratégia da comissão organizadora do evento de compartilhar modelos de sequências didáticas consistiu em um ponto de partida para que estes instrumentos fossem apropriados, adaptados ou reformulados pelos docentes em suas práticas para, na etapa seguinte do fórum, apresentar e refletir sobre o relato de experiência da aplicação no evento de culminância, realizado no dia 12 de junho de 2025. Nesse segundo dia, os docentes tinham a duração de quinze minutos para apresentar a experiência de sua intervenção na escola, como podemos inferir da imagem a seguir.

Figura 2: Apresentação do relato de experiência.



Fonte: acervo do LAHTEPS

Esse exercício possibilitou congregar múltiplas atividades que marcaram o ensino de história em vários municípios, firmando laços de cooperação e de fortalecimento de práticas pedagógicas exitosas. Na imagem acima, o professor Allan Silva socializou sua experiência apresentando a sequência didática que trabalhava sobre os campos de concentração no Ceará, surgidos em um contexto de miséria e fome na primeira parte do século XX. Ele relatou que foi uma experiência positiva para o docente e discentes, alcançando os resultados almejados no que se refere à aprendizagem.

Um dos critérios fundamentais no processo de elaboração das sequências foi a articulação junto aos professores dos diferentes municípios para dialogar com a realidade da comunidade escolar em seu território. Essa perspectiva orientou os discentes a valorizar as histórias locais e a reconhecer as ausências da memória social das comunidades. Além das sequências didáticas, o Fórum também contou

com rodas de conversas mediadas por professores universitários e docentes da rede básica, visando aproximar o ensino básico do superior e reafirmar o papel da docência. Dessa forma, o Fórum se consolidou como um espaço formativo e político, que articula a prática docente, a pesquisa e a extensão universitária na luta por uma educação pública que seja democrática.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As experiências promovidas pelo Fórum Cearense de Professores(as) de História da Educação Básica constituíram-se como espaços coletivos de diálogos e troca de conhecimento entre os docentes e discentes, tornando-se um importante instrumento no ensino, sobretudo na qualificação de cada professor envolvido. No âmbito dos relatos apresentados no Fórum Cearense, demonstrou-se que a articulação entre a formação continuada e a prática escolar produziu vários impactos significativos no desenvolvimento de repertórios didáticos de forma consistente e metodológica.

Marcos Ithalo Costa, professor do município de Nova Russas, sobre a importância do espaço, relatou em entrevista:

O fórum é importante tanto para os professores que já estão há anos no magistério, para conhecer as novas didáticas, mas também principalmente para aqueles que ainda estão chegando em sala de aula. Ver a experiência dos professores mais experientes é fundamental para a gente se adaptar à sala de aula, entender o que é factível na academia e o que a gente consegue colocar em prática na sala de aula, distinguir essa teoria da forma prática. Sem dúvida nenhuma é um fator fundamental do fórum, mostrando a importância de sempre estar se atualizando [...] mas também como é possível a gente trazer aqueles conteúdos que estão fora do currículo também para a sala de aula. Aquilo que a gente estuda na academia, como a história local, como essa história que fica meio marginalizada, que é possível a gente levar para a sala de aula (Costa, Crateús, 12 jun. 2025).

As oficinas de produção de sequências didáticas e as discussões em torno dos eixos temáticos anticolonialismo e ensino de história, interseccionalidade, direitos humanos e educação antirracista favoreceram a reflexão crítica sobre o papel social da docência e sobre os desafios de ensinar história para os alunos em

contextos marcados por desigualdades sociais e culturais. Em tese, constatou-se também que a abordagem das temáticas anticoloniais e interseccionais, quando incorporadas ao ensino, na prática, promoveu maior engajamento dos estudantes da educação básica, os quais passaram a se reconhecer como sujeitos históricos inseridos em processos sociais mais amplos. Com isso, torna-se crucial essa percepção de reforçar o papel do professor como intermediário de saberes, capaz de construir e desenvolver pontes entre o conhecimento acadêmico e as experiências locais de cada instituição escolar.

Outro resultado relevante do projeto diz respeito ao fortalecimento da identidade docente e do sentimento de pertencimento desses profissionais. O compartilhamento de vivências e a valorização das práticas locais contribuíram para a reformulação do fazer docente na Região dos Sertões de Crateús, desnaturalizando a ideia de que a produção de conhecimento se restringe aos grandes centros acadêmicos. As atividades formativas desenvolvidas durante o Fórum possibilitaram a reflexão sobre os desafios enfrentados pelos professores da rede pública, como a falta de recursos didáticos, o currículo engessado e a desvalorização da disciplina de História, que ocorre tanto em relação aos próprios alunos quanto às instituições escolares.

Entretanto, esses professores também evidenciaram a força criativa e o compromisso ético dos docentes em buscar soluções pedagógicas inovadoras para levarem para seus alunos. Muitos participantes relataram que, após o evento, passaram a reformular suas práticas de ensino, valorizando a história local e regional, inserindo fontes orais e resgatando memórias ocorridas no local, as quais podem ser utilizadas na elaboração de bons planos de aula, pois tem muitas histórias marcantes. Eles também usaram debates sobre gênero, raça e diversidade cultural em suas aulas. Assim, o Fórum reafirmou a potência da escola como um espaço de pesquisa, diálogo e saberes.

Além disso, o vínculo estabelecido entre o ensino superior e a educação básica foi mediado pela participação dos bolsistas do PIBID e dos integrantes do LAHTEPS e se mostrou um papel fundamental na consolidação de uma rede mais

colaborativa. Essa integração permitiu não apenas a troca de saberes entre docentes e discentes, mas também a produção conjunta de materiais didáticos contextualizados, que dialogam com as realidades da nossa vida social e cultural na Região dos Sertões de Crateús.

Em síntese, o Fórum Cearense de Professores(as) de História da Educação Básica revelou-se uma estratégia formativa eficiente, que impulsionou práticas pedagógicas inovadoras e de fomentação de uma educação histórica comprometida com a adversidade e a valorização na melhoria do ensino, sendo observada a articulação entre a formação continuada e o reconhecimento dos saberes produzidos.

Além disso, a estruturação do Fórum com a carga horária de oitenta horas contribuiu significativamente para a valorização e a qualificação profissional dos docentes envolvidos no projeto, uma vez que essa participação pôde ser registrada, planejada e incorporada aos seus currículos, reforçando e agregando cada vez mais com a formação profissional. E, a partir disso, observou-se que o engajamento dos participantes foi ampliado justamente por esse reconhecimento do tempo dedicado às atividades de discussão e aprendizagem. Essa experiência colaborou muito com os saberes dos profissionais, fortalecendo os espaços estudantis e promovendo uma reflexão sobre a importância da formação contínua e colaborativa dos professores, conforme destaca Nóvoa (2009), ao afirmar que o desenvolvimento profissional docente se consolida na partilha de experiências e na construção coletiva do conhecimento.

Figura 3: Sequência didática: Escravidão e Resistência, apresentado pela professora Rozélia, do Município de Poranga



Fonte: acervo do LAHTEPS.

A imagem representa uma cena simbólica: uma professora segurando uma bandeira pintada à mão com um grande crucifixo, uma igreja e um grupo de pessoas negras reunidas em frente a ela sob um céu em tons quentes de amarelo e laranja. A obra transmite uma mensagem singular sobre fé, comunidade, companheirismo, sofrimento e resistência, elementos que estão entrelaçados na história da escravidão. Essa apresentação, realizada durante o Fórum de Professores(as) de História da Educação Básica, teve um significado extremamente especial. Ao escolher o tema “Escravidão e Resistência”, a professora revisitou reflexões necessárias sobre as heranças da escravidão e as formas de resistências protagonizadas pelos escravizados.

Isso representa não apenas o sofrimento imposto pela escravidão, mas também a união, a fé e a luta pela liberdade que essas pessoas desejavam e buscavam. A importância dessa apresentação no Fórum ultrapassa o conteúdo

histórico, estimulando os educadores que atuam na área a repensarem suas práticas pedagógicas, exemplificando como a arte e o conhecimento podem ser ferramentas em potencial para ensinar história.

Figura 4: Sequência didática: A xilogravura como expressão do fazer artístico cearense



Fonte: acervo do LAHTEPS.

Na imagem anterior, observamos o desenvolvimento de uma arte, como um mural, que representa a xilogravura como expressão do fazer artístico cearense. A obra retrata elementos da cultura nordestina, como o sertão, o sol e os cactos, exaltando muito as raízes culturais e a identidade do povo cearense. A xilogravura é tradicionalmente usada na literatura de cordel, que é um símbolo de resistência, força, criatividade e valorização local. Essa imagem é importante por mostrar como a arte pode ser um meio de valorização local e um meio também de preservar a memória e fortalecer o sentimento de pertencimento cultural; além de ser

importantíssimo para os alunos, incentivando um papel transformador tanto no componente curricular de história quanto no de educação artística, e conectando os alunos à história e às manifestações de sua região.

Com isso, para concluir, todos os trabalhos apresentados no Fórum tiveram grande relevância, pois promoveram a troca de experiências, o reconhecimento da cultura local e o incentivo à produção artística e pedagógica, contribuindo para a formação de indivíduos mais críticos, sensíveis e conscientes da sua identidade e cultura local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fórum Cearense de Professores(as) de História da Educação Básica demonstrou que a formação docente é um caminho potente para a valorização da profissão e para a melhoria da qualidade do ensino de História. Ao promover o encontro entre os professores(as) da rede básica, os estudantes universitários tiveram o privilégio de vivenciar uma nova perspectiva sobre a prática docente, compreendendo mais profundamente como é atuar dentro da sala de aula e nas escolas, enfrentando de perto os dilemas e as dificuldades presentes no cotidiano educacional e nas narrativas curriculares.

As reflexões e práticas compartilhadas ao longo do processo evidenciaram a relevância de debater sobre as singularidades de um território historicamente marginalizado, mas profundamente fértil no quesito das experiências dos sujeitos que o habitam, assim como o exercício da docência nesses contextos exige uma abertura de mais escuta, de diálogo e de engajamento político com as comunidades escolares.

Desse modo, a experiência do Fórum contribuiu para questionar a distância entre o centro e periferia, teoria e prática, universidade e escola. Com isso, ao valorizar os saberes produzidos no chão da escola, a iniciativa fortalece uma ideia de educação histórica comprometida com a justiça e o meio social, ampliando as possibilidades de um ensino crítico, plural e estruturado.

Em suma, o Fórum reafirmou a importância de integrar ensino, pesquisa e extensão como caminhos possíveis para repensar o ensino de História, estimulando o protagonismo docente e a construção de trabalho coletivo com saberes que contribuam para uma educação pública mais eficiente e de qualidade, crítica e transformadora, pois, ao ouvir com atenção os professores, ficou claro o quanto o trabalho deles está marcado por lutas do dia a dia, por ideias criativas e pela vontade de transformar a educação, mesmo enfrentando falta de recursos e às vezes pouco apoio das próprias instituições. Com isso, o Fórum aparece como uma possibilidade de transformar o Ensino de História e deixar as aulas mais atrativas e dinâmicas. Por fim, reafirma-se a importância da institucionalização de ações coerentes e permanentes que integrem as universidades públicas e as redes de ensino, assegurando a continuidade do diálogo e da pesquisa sobre o ensino de História.

REFERÊNCIAS

BARBOSA PEREIRA, Ana Carolina. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88-114, 2018.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. **História: memória, narrativa e ensino na Amazônia brasileira**. São Luís: EDUFMA, 2021.

DE VARGAS GIL, C. Z; PERUSSATTO, M; SILVA, S. Calvi Amaral. Ensinar história nas fissuras do patrimônio. **História & Ensino**, v. 30, n. 2, p. 31-53, 2024.

MONTEIRO, A. M; GASPARELLO, A. M; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
SARAIVA, Karla; SEFFNER, Fernando. Ensinar a esquecer: ensino de História e extrema direita. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. 1-25, 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SEFFNER, Fernando; PENNA, Fernando. Educação democrática e equidade de gênero. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 18, n. 40, p. 39-57, jan./abr. 2024. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Larry (org.). **Marxism and the interpretation of culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.

VEIGA, Ana Maria. Quando Clio é preta, pobre, periférica: relocando a teoria da história. In: COSTA, Bruno Balbino Aires da; SANTOS, Evandro; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de (org.). **Ensaio de teoria da história & história da historiografia**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

VENGOA, Hugo Fazio. La historia del tiempo presente: composición, temporalidad y pertinencia. In: MÜLLER, Angélica; IEGELSKI, Francine (org.). **História do tempo presente: mutações e reflexões**. Rio de Janeiro: FGV, 2022.